

Francisco Kennedy Silva dos Santos (Org.)

II COLÓQUIO ABRINDO TRILHAS PARA OS SABERES

- FORMAÇÃO HUMANA
- CULTURA
- DIVERSIDADE



Professor ApreNDIZ 



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

ABRINDO TRILHAS PARA OS SABERES

*Formação Humana
Cultura
Diversidade*

Professor ApreNDIZ



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**

Secretaria da Educação

**FRANCISCO KENNEDY SILVA DOS SANTOS
ORGANIZADOR**

ABRINDO TRILHAS PARA OS SABERES

Formação Humana

Cultura

Diversidade

**FORTALEZA
2009**

ABRINDO TRILHAS PARA OS SABERES: FORMAÇÃO HUMANA, CULTURA E DIVERSIDADE

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Francisco Kennedy Silva dos Santos

COMISSÃO TÉCNICA
César Nilton Maia Chaves
Estefânia Maria Almeida Martins
Maria Gorete de Gois
Marilene Barbosa Pinheiro

ESTÁGIARIOS
Anne Aparecida Menezes Rocha
Gilvânia Ferreira Silva

APOIO TÉCNICO
Philippe Azevedo de Araújo

PRÉ-IMPRESSÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Editora Comercial Ltda

DIREÇÃO E COORDENAÇÃO
Francisco Kennedy Silva dos Santos

TIRAGEM
3000 Exemplares

REVISÃO
Marilene Barbosa Pinheiro
César Nilton Maia Chaves

C387c CEARÁ. Secretaria da Educação.
Abrindo Trilhas para os Saberes: Formação Humana,
Cultura e Diversidade / Secretaria da Educação; Francisco
Kennedy Silva dos Santos. (Organização). – Fortaleza: SEDUC,
2009 - Coletânea.

395p. : il.

ISBN: 978-85-62362-28-6

1. Textos Didáticos. 2. Experiências. 3. Formação. 4.
Cultura. 5. Diversidade. 6. Metodologia. I. SEDUC. II.
Título

SUMÁRIO

Apresentação

Seção Especial

Cultura e culpa: o problema de Benjamin e Georges Bataille
João Emílio Fortaleza de Aguiar

Racionalidades, formação e docência
Cézar João Carneiro

A formação humana na formação do
Maria Socorro Lucena Lima

Escola na contemporaneidade: esp
perspectiva da epistemologia da prá
Maria Marina Dias Cavalcante
Isabel Magalhães Saúl Pierre Carneiro

Ensinar pela pesquisa: dos dilemas
ensino na formação docente
Isabel Maria Salinas de Farias
Silvana Pinheiro Silva

Seção I – Avaliação, Currículo e F

Nas trilhas dos saberes: ensinando
Ana Patrícia Oliveira dos Santos

Mudança no processo avaliativo e
escola pública de ensino médio
Francisco Leite Mattos

Docência nos CEJA: alguns elemen
cultura de seus professores
Jefferson Falcão Sales

SUMÁRIO

Apresentação.....	09
<i>Seção I – Avaliação, Currículo e Formação Docente.....</i>	11
Nas trilhas dos saberes: ensinando se aprende..... <i>Ana Patrícia Oliveira dos Santos</i>	12
Mudança no processo avaliativo e suas consequências numa escola pública de ensino médio..... <i>Francisco Leite Matos</i>	23
Docência nos CEJA: alguns elementos para compreender a cultura de seus professores..... <i>Jefferson Falcão Sales</i>	32
Os Parâmetros Curriculares Nacionais e o processo argumentativo dos gêneros jornalísticos nos textos escolares..... <i>Mirna Gurgel Carlos da Silva</i> <i>Maria Elias Soares</i>	41
Aprendizagem docente à luz da teoria histórico-cultural de Vygotsky: contextos, concepções e estratégias..... <i>Oséias Amador Pereira</i>	55
A avaliação do projeto de reorganização dos tempos escolares no ensino médio: estudo de caso na escola de ensino fundamental e médio dom antônio de almeida lustosa..... <i>Silvany Bastos Santiago</i>	65
Currículo: dimensões e perspectivas..... <i>Luciano Santos Lima</i> <i>Cynthia Kelly de Sousa Ferraz</i> <i>Sônia Marinho Matos</i>	76
Capoeira no contexto escolar: instrumento facilitador da aprendizagem..... <i>José Olímpio Ferreira Neto</i>	85

Insucessos escolares: uma reflexão da práxis nas escolas públicas.....	97
<i>Maria Joyce Maia Costa Carneiro</i>	
Seção II – Tecnologia da Informação e da Comunicação.....	107
Robótica educacional no estado do Ceará.....	108
<i>Prof. M. Sc. Rickardo Léo Ramos Gomes</i>	
Tendências atuais do uso da informática no ensino de biologia...	118
<i>Prof. M. Sc. Rickardo Léo Ramos Gomes</i>	
O uso da tecnologia como incentivo no ensino e aprendizagem da língua inglesa.....	132
<i>Carmem Lúcia C. V. de Oliveira</i>	
<i>Maria do Livramento de Carvalho Macedo Luna</i>	
<i>Jacqueline Rodrigues Moraes</i>	
Análise do uso de um objeto de aprendizagem de física na compreensão de conceitos matemáticos.....	140
<i>Herik Zednik Rodrigues</i>	
O uso da Webquest como proposta metodológica para as aulas de Cartografia.....	152
<i>Jacqueline Rodrigues Moraes</i>	
<i>Maria do Livramento Macedo Luna</i>	
<i>Luzia Martins Pereira</i>	
Letramento digital e os recursos da web 2.0 para o ensino de redação.....	162
<i>José Hipólito Ximenes de Sousa</i>	
<i>Profa. Dra. Iúta Lerche Vieira</i>	
Políticas e estratégias de inclusão digital no estado do Ceará.....	173
<i>Karine Pinheiro de Souza</i>	
O uso das TIC'S no ensino de Geografia.....	187
<i>Maria do Livramento de Carvalho Macedo Luna</i>	
<i>Carmem Lúcia Carneiro V. de Oliveira</i>	
<i>Jacqueline Rodrigues Moraes</i>	

O uso das TICS na educação como forma de promover a inclusão digital.....	197
<i>Maria Nágila Mendes Coelho</i>	
<i>Silvana Maria Magalhães</i>	
Seção III – Ciências Humanas e suas Tecnologias.....	209
O ensino de História na rede municipal de Ipu: mudanças e perspectivas.....	210
<i>Antonio Vitorino Farias Filho</i>	
Diagnóstico ambiental do uso e ocupação do solo do morro Santa Terezinha, Fortaleza/CE: um olhar do educador ambiental.....	220
<i>Franklin de Andrade Carneiro</i>	
<i>Maria Elisângela do Espírito Santo</i>	
Ler e filosofar: a possibilidade do ensino da Filosofia a partir do texto filosófico.....	233
<i>João Batista de Andrade Filho</i>	
As relações raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na formação de professores e no currículo escolar.....	245
<i>José Edinaldo de Sousa Lima</i>	
<i>Maria Dione Soares Félix</i>	
Educação e cultura para a paz: uma experiência na escola Maria José Medeiros em Fortaleza.....	254
<i>Paulo Sérgio Barros</i>	
Sociologia no ensino médio: impasses e possibilidades nas práticas cotidianas.....	265
<i>Raniery Fontenele Firmino</i>	
O papel do livro didático de Geografia no Ensino Fundamental I: construindo critérios para a sua avaliação.....	276
<i>Rosilene Aires</i>	

Ensino da História e cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas.....	290
<i>Marcia Maria Albuquerque</i>	
<i>Francisca Inar de Sousa</i>	
 A arte dos sólidos geométricos a partir da reciclagem do lixo.....	 302
<i>Maria Ivoneide Vital Rodrigues</i>	
<i>Eduardo Maia Santos</i>	
<i>Fagner Araújo Inácio</i>	
<i>Rubênia Gomes de Brito</i>	
<i>Sayonara Inocência Dias Martins</i>	
 Seção IV – Linguagem, Códigos e suas Tecnologias.....	 308
 Leitura e trabalho pedagógico: um relato das experiências formativas de docentes da EEFM Almir Pinto - Aracoiaba/CE...	 309
<i>Elcimar Simão Martins</i>	
 Aspectos semióticos em São Bernardo.....	 322
<i>Francisco Glauco Gomes Bastos</i>	
 Rede léxico-semântica nos dicionários escolares.....	 334
<i>Halysson Oliveira Dantas</i>	
 O desenvolvimento da compreensão leitora de alunos da escola pública através de estratégias cognitivas e metacognitivas.....	 345
<i>Maria das Graças Girão Nobre</i>	
 Formação leitora do professor: algumas considerações.....	 357
<i>Maria do Socorro Lima Marques França</i>	
<i>Maria Socorro Lucena Lima</i>	

ASPECTOS SEMIÓTICOS EM SÃO BERNARDO

Francisco Glauco Gomes Bastos⁷¹

1. A SIMBOLOGIA DO PODER ENTRE PAULO HONÓRIO E MENDONÇA

Considerada a obra-prima de Graciliano Ramos, São Bernardo traz em seu texto uma gama de aspectos simbólicos que representam a dicotomia da sociedade agrária brasileira dos dois períodos republicanos do início do século XX – a República Velha, com sua política do café-com-leite, e a República Nova, pós-Revolução de 30, getulista e voltada para a modernização da agricultura – personificados, principalmente, nas figuras de Mendonça e Paulo Honório, respectivamente. Tal personificação não ocorre por acaso. Segundo o mais importante dos fundadores da moderna semiótica geral Peirce (*apud* Nöth, 2005, p.61⁷²), “o fato de que toda idéia é um signo junto ao fato de que a vida é uma série de idéias prova que o homem é um signo”. Nesse sentido, podemos afirmar que, dentro da sociedade agrária nordestina, Mendonça representa a decadência dos grandes senhores de engenho que exerciam o poder patriarcal, dominando não só a região em que se encontravam, mas também todos que o rodeavam. Sua palavra deveria ser, em todas as situações, a palavra final e, quando contrariado ou desobedecido, a resposta sempre era veemente. A tentativa de manutenção desse *status quo* aparece logo após a compra

⁷¹ Francisco Glauco Gomes Bastos é mestrando em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará – UFC. É professor efetivo da rede estadual de ensino no Ceará, lotado na EEFM Dr. César Cals, onde exerce a função de Coordenador Escolar e, também, da rede municipal de ensino em Fortaleza, lotado na Escola Municipal Filgueiras Lima. Cursa ainda uma especialização em Gestão Escolar pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. É Licenciado em Letras pela Universidade Estadual do Ceará – UECE.

⁷² Os números, nas citações extraídas de *Panorama da Semiótica* – PS – referem-se às páginas em que elas se encontram.

da fazenda São Bernardo por Paulo Honório. No primeiro encontro entre os dois vizinhos, Mendonça mostra seu descontentamento:

[...] – O senhor andou mal adquirindo a propriedade sem me consultar, gritou Mendonça do outro lado da cerca.

– Por quê? O antigo proprietário não era maior? (Ramos, 1994, p. 25)⁷³

Percebe-se, no entanto, que o diálogo travado já aponta para a disputa que irá ocorrer de forma dissimulada, cheia de artifícios em que os dois, como animais selvagens, medem-se antes de se lançarem ao ataque na espreita de um momento mais adequado. Esse diálogo está permeado de elementos simbólicos que não se restringem à linguagem. Recorre-se, mais uma vez, a Peirce (op. cit., p. 62) quando afirma que “o mundo inteiro está permeado de signos, se é que ele não se componha exclusivamente de signos”. Um exemplo concreto pode ser encontrado no seguinte excerto:

Casimiro Lopes deu um passo; toquei-lhe no ombro e ele recuou. Mendonça compreendeu a situação, passou a tratar-me com amabilidade excessiva. Paguei-lhe na mesma moeda, (...) (SB, p. 26).

Observa-se, no fragmento acima, que não houve sequer uma palavra de Casimiro Lopes. Apenas um gesto – um passo – que pode ser classificado como um signo ou *representamen* perciano. Para Peirce (*apud* Nöth, 2005), um signo ou *representamen* é algo que, de acordo com certo aspecto ou medida, encontra-se para alguém no lugar de algo. Dessa forma, o passo representaria a agressão que Casimiro Lopes, como fiel escudeiro, para não chamar jagunço, desferiria em Mendonça. Essa seria o interpretante, ou seja, um signo mais desenvolvido criado na mente da(s) pessoa(s) a quem se dirige o signo. Ainda no fragmento supracitado temos o gesto de Paulo Honório – tocar o ombro de Casimiro Lopes – como elemento de mediação. A essa categoria poderíamos relacionar à terceiridade perciana. Não se pode, porém, deixar de mencionar o princípio da

⁷³ Os números, nas citações extraídas de *São Bernardo* – SB – referem-se às páginas em que elas se encontram.

semiose ilimitada de Peirce em que “(...) cada signo cria um interpretante que, por sua vez, é *representamen* de um novo signo, (...), *ad infinitum* (...)” (op. cit., p. 72). Nesse sentido, o toque de Paulo Honório seria o *representamen*, o recuo de Casimiro Lopes o interpretante dinâmico, ou seja, “o efeito direto realmente produzido por um signo sobre um intérprete (...)” (op. cit., p. 75); já as amabilidades dirigidas por Mendonça estariam no plano do interpretante final por se tratar “(...) (d)aquele resultado interpretativo ao qual cada intérprete está destinado a chegar se o signo for suficientemente considerado” (*idem*).

Outro elemento carregado de significação presente ainda no quinto capítulo de São Bernardo é a **cerca**. Conforme Peirce (op. cit.), o objeto é o segundo correlato do signo, correspondendo ao referente de forma meramente aproximativa. Como o objeto pode ser uma coisa material do mundo, da qual extraímos um conhecimento perceptível, ou pode ser ainda uma entidade imaginária, ligada à natureza de um signo ou pensamento, a palavra **cerca** muito nos tem a informar dentro do contexto simbólico do texto de Graciliano Ramos. Segundo Peirce (op. cit.), há uma terceira possibilidade de existência do objeto que vai além do que se pode perceber ou imaginar em certo sentido. Logo a palavra **cerca**, que é um signo, não pode ser imaginada, uma vez que não é ela em si que pode ser escrita ou pronunciada, mas somente algum de seus aspectos. No texto, portanto, tal palavra, escrita pelo autor ou pronunciada pelas personagens, é uma palavra específica quando se refere à demarcação de limites. Ela assume outra significação quando seu sentido extrapola a mera delimitação espacial das fazendas para representar o poder de cada fazendeiro. Nesse sentido, Peirce (op. cit., p. 68) reporta-se ao objeto: (...) *o objeto do signo pressupõe uma familiaridade a fim de veicular alguma informação ulterior sobre ele*.

Trata-se, pois, a palavra **cerca** de um objeto dinâmico, já que, por sua natureza, não pode exprimir, mas apenas indicar, cabendo a descoberta do sentido ao intérprete, através de experiências colaterais. Uma outra possível interpretação a que o objeto poderia

nos conduzir é o posicionamento político que cada personagem assume, já que se encontram em lados opostos da cerca.

Paulo Honório, apesar de representar uma mentalidade nova no trato agrário, utiliza-se de métodos tradicionais para se manter no poder. É uma personagem que representa uma classe social emergente, que não possui nome de família, que vem do nada, embora possua bastante desejo de ascensão social aliado à capacidade de trabalho, os quais se somam à esperteza e à ambição. Na sociedade nordestina de então o nome de família representava um bem inalienável e quem não o possuísse tornava-se passível de discriminação. Na visita feita por Paulo Honório a Mendonça para sondá-lo, após ter distinguido vultos rondando sua casa, pode-se perceber a valorização que Mendonça dá à revelação das origens de Paulo Honório, tentando constrangê-lo:

No dia seguinte visitei Mendonça, que me recebeu inquieto. (...) Dirigi amabilidades às filhas dele, duas solteras, e lamentei a morte da mulher, excelente pessoa, caridosa, amiga de servir, sim senhor. Mendonça, espantado, perguntou onde eu tinha visto d. Alexandrina.

– Faz tempo. Fui morador do velho Salustiano. Arrastei a enxada, no eito.

As moças acanharam-se mas o pai achou que eu procedia com honestidade revelando francamente a minha origem. (...).

[...]

– Trabalhador alugado, hem? Não se incomode. O Fidélis, que hoje é senhor de engenho, e conceituado, furtou galinhas.” (SB, 28-29).

Para Paulo Honório, no entanto, o importante era tornar São Bernardo uma fazenda próspera, bem diferente da de Mendonça entregue aos carrapichos e ao engenho de fogo morto. Além disso, seria preciso readquirir as terras de São Bernardo que Mendonça vinha tomando com sua cerca em face da incapacidade e do vício da jogatina de Luís Padilha.

As relações entre Paulo Honório e Mendonça, ainda que repletas de amabilidades, não passavam de dissimulações que

deixavam os dois personagens em constante estado de alerta: (...) *De repente um tiro. Estremeci. Era a pedreira, que mestre Caetano escavacava lentamente, com dois cavouqueiros.* (...) (SB, p. 31)

Além de confirmar a tensão existente entre os vizinhos, o fragmento acima nos remete aos princípios universais da semiótica de Peirce (*apud* Nöth, 2005), em que o tiro estaria no plano da primeiridade; o estremecimento, no da secundidade e, por fim, a conclusão de que se tratava da pedreira, no plano da terceiridade.

O fim da contenda entre os dois vizinhos se dá com a morte de Mendonça, vítima de uma emboscada. O narrador nos informa que Paulo Honório reconhece em seu terreiro o caboclo que havia visto na casa do Mendonça, tentando iludir o cachorro Tubarão. Em seguida relata:

No outro dia, sábado, matei o carneiro para os eleitores. Domingo à tarde, de volta da eleição, Mendonça recebeu um tiro na costela mindinha e bateu as botas ali mesmo na estrada, perto de Bom Sucesso. No lugar há hoje uma cruz com um braço de menos.

Na hora do crime eu estava na cidade, conversando com o vigário a respeito da igreja que pretendia levantar em S. Bernardo. Para o futuro, se os negócios corressesem bem.

– Que horror! exclamou padre Silvestre quando chegou a notícia. Ele tinha inimigos?

– Se tinha! Ora se tinha! Inimigo como carrapato. Vamos ao resto, padre Silvestre. Quanto custa um sino? (SB, p. 33)

No fragmento acima, percebemos vários signos indiciais que nos remetem ao mesmo tempo, de forma paradoxal, tanto à responsabilidade de Paulo Honório pelo crime do Mendonça como à sua inocência. No último caso, o sinistro seria um ato providencial para Paulo Honório, ainda que executado por outro inimigo de Mendonça. Está claro, porém, que a segunda alternativa seria forçosa, visto que a conversa com o padre representaria o álibi necessário para Paulo Honório. Podemos ainda, a partir da imagem da cruz com um braço a menos, lembrar-nos da iconicidade prevista por Peirce (*op. cit.*). Como, segundo ele, muitos ícones podem fazer parte de diversos modos de semiose, tais como similaridade e

arbitrariedade, tornando-se signos simbólicos os de caráter convencionais, teríamos na primeiridade o objeto em si, sem nenhuma representação; no segundo momento, o qual estaria relacionado ao interpretante, a simbologia da morte; num terceiro momento, a ausência de um dos braços da cruz representaria metaforicamente a ausência de uma das forças da região, ou ainda, a queda da estrutura agrária tradicional representada por Mendonça.

A resposta de Paulo Honório ao padre Silvestre vem carregada de uma indiferença de quem tem uma consciência tranquila aliada à idéia de que, para a igreja o que importa é sua relação estreita com o poder. A morte de Mendonça horroriza, mas não escandaliza, visto que já há quem o substitua. Tenta Paulo Honório, então, prender o padre Silvestre aos assuntos ligados à construção de uma nova igreja.

2. A MULHER NA SOCIEDADE AGRÁRIA NORDESTINA

Ações de caso pensado, para tentar usar a linguagem de Paulo Honório, marcam sua vida. A compra da fazenda ao Luís Padilha e o casamento com Madalena irão comprovar o espírito pragmático do narrador-personagem de São Bernardo.

Após ter se estabilizado como um grande produtor rural, Paulo Honório sente a necessidade de providenciar um herdeiro. Sim! Providenciar! Seu espírito pragmático fazia-o ver as pessoas que o cercavam como bichos, dada à rudeza de sua alma, ou como objetos de sua serventia, de quem podia dispor como bem quisesse. A busca por uma esposa não é resultado de uma carência afetiva ou sexual, mas de posição social. É necessário deixar alguém que dê continuidade a sua obra. Paulo Honório passa, então, a idealizar uma mulher que seja capaz de realizar tal empresa. Assim começa o narrador-personagem o capítulo onze de São Bernardo:

Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma idéia que me veio sem que nenhum rabo-de-saia a provocasse. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar.

(...) Não me sentia, pois, inclinado para nenhuma: o que sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de S. Bernardo. (SB, p.57).

Imbuído da idéia de arranjar um casamento aliada à necessidade de falar com o dr. Magalhães, juiz de direito, resolveu visitá-lo. Desse modo, poderia aproximar-se de sua filha, d. Marcela. Encontra, no entanto, na casa do juiz, Madalena. Essa era uma professora formada pela Escola Normal, fisicamente oposta à mulher até então idealizada por Paulo Honório. A moça, porém, despertou-lhe interesse: *De repente conheci que estava querendo bem à pequena. Precisamente o contrário da mulher que eu andava imaginando – mas agradava-me, com os diabos. Miudinha, fraquinha.* (...) (SB, p. 67).

Apesar da simpatia de Paulo Honório por Madalena, seu imaginário é puramente determinista, do ponto de vista de Taine. Em diálogo com d. Glória, tia de Madalena, o narrador chega a desenvolver um silogismo pragmático: – *Qual reciprocidade! Pieguice. Se o casal for bom, os filhos saem bons; se for ruim, os filhos não prestam. A vontade dos pais não tira nem põe. Conheço o meu manual de zootecnia.* (SB, p. 87)

Na passagem acima, podemos ter como primeira premissa que o pai é bom; como segunda premissa que a mãe é boa; logo, os filhos são bons. Teríamos, então, conforme as dez classes principais de Peirce, um legi-signo⁷⁴ simbólico, já que temos um signo do discurso racional.

A escolha da expressão **rabo-de-saia**, no fragmento anterior, denota também certo desdém pela mulher. No campo do *representamen* perciano, a expressão estaria na primeiridade. A relação do significante ao significado mulher estaria no campo do interpretante, portanto na secundidade. A relação desse interpretante com o sentido genérico de mulher estaria no campo da terceridade, tornando-se imediatamente *representamen* num processo de semiose ilimitada. Quando o narrador afirma que conhece o seu manual de

⁷⁴ Legi-signo é o signo que é uma lei.

zootecnia, a escolha do significante, numa perspectiva saussureana, não se faz por acaso. Umberto Eco defende que

(...) O caminho interpretativo do leitor através de uma obra literária, (...), é implícito na obra mesma, que propõe, na sua estrutura, um leitor modelo que segue e explora um potencial interpretativo da obra justificado pelas evidências que o texto contém. (...) (apud Nöth, op. p.166)⁷⁵

É nesse aspecto que afirmamos que Paulo Honório vê todas as criaturas como bichos. A mulher não deveria passar de uma fêmea. Mero instrumento de reprodução. O casamento, por sua vez, simples contrato, fruto de um jogo de interesses mútuo. O acerto do casamento com Madalena se dá de forma fria. Para a mulher representava segurança. A própria Madalena diz: – *O seu oferecimento é vantajoso para mim, seu Paulo Honório, (...)* (SB, p. 89).

Engana-se, porém, quem acredita que Madalena vai reproduzir o comportamento feminino de submissão. Muito pelo contrário, logo após o casamento Madalena entrega-se a trabalhos na fazenda, demonstrando sensibilidade aos problemas dos moradores de S. Bernardo. Sua conduta irrita Paulo Honório que imaginava a moça como uma boneca da Escola Normal. Madalena estava à frente de seu tempo. Possuía idéias liberais.

Para Viana (1997), a entrada de Madalena em cena provoca a divisão do palco onde a história se desenrola. A personagem Paulo Honório, que até então dominava toda a cena, cede espaço à personagem Madalena que, na trama, torna-se coprotagonista no enredo. Entenda-se enredo como, segundo Sklovskij, (...) a maneira pela qual a narrativa é “tornada estranha”. Ele *é a transformação das ações e eventos em literatura* (SSXX, 89-90), e trama como (...) *a transformação literária da narrativa na seqüência determinada pelas escolhas do narrador (...)* (SSXX, 89).

⁷⁵ Os números, nas citações extraídas de *A Semiótica no Século XX – SSXX* – referem-se às páginas em que elas se encontram.

Conforma Greimas, o nível profundo de um texto se por relações de oposição, tais como liberdade *versus* submissão. Madalena, pois, na estrutura profunda do texto, vai representar uma força determinante para os rumos da narrativa. Toda a insegurança de Paulo Honório parte das colocações de Madalena. O narrador, por vários momentos, ainda no nível da estrutura profunda do texto, enfatiza a dicotomia homem *versus* mulher na sociedade agrária nordestina do início do século XX:

(...) Tenho portanto um pouco de religião, embora julgue que, em parte, ela é dispensável num homem. Mas mulher sem religião é horrível.

(...) Mulher sem religião é capaz de tudo (*sic*) (SB, p. 133).

E ainda:

Confio em mim. Mas exagerei os olhos bonitos do Nogueira, a roupa bem feita, a voz insinuante. (...) Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena – e comecei a sentir ciúmes.” (*idem*).

Ou:

Não gosto de mulheres sabidas. Chamam-se intelectuais e são horríveis. (...) (*ibidem*).

A decadência do protagonista vai se dar a partir do suicídio de Madalena. A vitória da Revolução de 30 será o pretexto para que ocorra a queda política do partido de Paulo Honório. Os agregados se afastam e Paulo Honório volta a viver só. Não possui, entretanto, mais forças para reerguer S. Bernardo. Já é um homem de meia idade que não sabe o que fazer do herdeiro que Madalena lhe deixou:

(...) É certo que havia o pequeno, mas eu não gostava dele. Tão franzino, tão amarelo!

– Se melhorar, entrego-lhe a serraria. “Se crescer assim bambo, meto-o no estudo para doutor (SB, p. 177).

3. A METALINGUAGEM EM SÃO BERNARDO

Os três capítulos iniciais e o último – o capítulo 36 – são exclusivamente metalinguísticos. Paulo Honório, único narrador-personagem de Graciliano Ramos, começa o texto da seguinte maneira:

Antes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho.

(...) Eu traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e poria o meu nome na capa (SB, p. 5).

Os dois parágrafos iniciais da obra já nos denotam a postura autoritária de Paulo Honório, cuja participação na construção da obra seria ínfima, mas, devido a seu poder econômico, os louros seriam seus. Ainda no primeiro capítulo, Paulo Honório apresenta-nos o resultado das conversas com Gondim, redator do Cruzeiro, ou seja, dois capítulos escritos em linguagem literária. Paulo Honório, irritado, afirma que não há quem fale da maneira como Gondim escreveu. O redator do Cruzeiro, por sua vez, refuta:

(...) um artista não pode escrever como fala.

– Não pode? perguntei com assombro. E por quê?

Azevedo Gondim respondeu que não pode porque não pode.

– Foi assim que sempre se fez. A literatura é a literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia (SB, p. 7).

O excerto acima já nos remete para a problemática do discurso adequado, ou não, à fala. Graciliano Ramos permite que seu narrador escreva, posteriormente, de forma adequada à realidade em que vive. Isso nos remete aos conotadores estéticos simples de Johansen. Para este (...) *Conotadores estéticos simplíssimos signos cuja expressão consiste de somente um dos quatro estratos do signos denotativo.* (...) (SSXX, 79). A discussão travada por Paulo Honório e Gondim certamente nos conduz aos conotadores simples baseados

na forma de conteúdo denotativa, uma vez que se trata de casos de licença poética. Além disso, como já citamos anteriormente, a metáfora de que Paulo Honório se utiliza para, não só descrever, do ponto de vista narrativo, mas tratar as pessoas que o rodeiam, no caso “bichos”, estariam nesse mesmo plano:

Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os currais que se escoram uns aos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus.

Bichos. Alguns mudaram de espécie e estão no exército, volvendo à esquerda, volvendo à direita, fazendo sentinela. Outros buscaram pastos diferentes (SB, p.185).

Percebe-se aqui, além da presença da metáfora, as idiosincrasias materiais e intelectuais do autor – no caso Paulo Honório – remetendo-nos a mais um dos conotadores simples de Johansen – aqueles baseados na substância de conteúdo denotativa. A escolha dos signos linguísticos, numa perspectiva periciana, mais uma vez nos induz à sua semiose ilimitada. O *representamen* “currais” em si não pode ser compreendido; no nível do interpretante, “currais” seria o local onde se guarda o gado; na terceiridade, as casas dos moradores. Num processo de semiose ilimitada, ainda que não descontrolada, como sugere Barthes, esses seriam descritos como “gado”, “boi manso”, entre outros termos que nos levariam a diversas interpretações. Uma delas estaria voltada para o caráter passivo da grande massa trabalhadora do país, visto que o autor de São Bernardo – Graciliano Ramos – teve influências socialistas e participações comunistas em sua vida.

As interpretações aqui citadas, porém, não podem ser totalmente livres. Deve haver algum suporte teórico extratextual e indicial intratextual para conformar tais raciocínios. Reportemo-nos a Eco, em sua semiótica da literatura, quando defende que a obra literária não é aberta a todo tipo de interpretação. Para Eco, o

caminho de interpretação que o leitor deve seguir numa obra literária está implícito na própria obra. Esse leitor ideal deve explorar o potencial de obra da obra, apoiando-se nas evidências contidas no texto.

REFERÊNCIAS

CHALHUB, Samira. **A Metalinguagem**. 3ª. edição. São Paulo: Editora Ática, 1997.

FIORIN, José Luiz. PLATÃO, Francisco Savioli. **Para Entender o Texto**. 5ª. edição. São Paulo: Editora Ática, 2005.

NÖTH, Winfried. **A Semiótica no Século XX**. 3ª. edição. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce**. 4ª. edição. São Paulo: ANNABLUME, 2005.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 60ª. edição. Rio de Janeiro: Record, 1994.

VIANNA, Lúcia Helena. **Roteiro de Leitura: São Bernardo de Graciliano Ramos**. São Paulo: Editora Ática, 1997.